



A Arcádia



Banabuyé 304 Anos

Órgão de história – Publicação Mensal

historiaesperancense@gmail.com

Esperança 91 Anos

ANO III Sábado, 01 de abril de 2017 N°21

Reportagem Especial

Na literatura cordelista, a mulher sempre foi mostrada com muita paixão, daí os veros de Alberto Porfírio em exaltação à figura feminina:

*Quem é forte não se abala
Não se altera, não se agita
Mais qualquer homem se acaba
Por uma mulher bonita.*

Também decantada por Zé Ramalho e Otacílio Batista na famosa canção, que nos diz:

*Mulher nova, bonita e carinhosa
Faz o homem gemer sem sentir dor*

Este foi sempre um universo masculino, até que nomes como Chica Barrosa, Minervina Ferreira, Chiquinha Ribeiro e Terezinha Tietre ousaram topar este desafio, conquistando o seu lugar de destaque no repente.

Teresa Dantas ficou mais conhecida pela alcunha de “Terezinha Tietre”.

Nasceu no primeiro quarto do Século XX e, segundo dizem, residia “num sítio próximo a Esperança”, que acreditamos

ser o Cajueiro, já que alguns membros da família Dantas foram proprietários do lugar.

Tornou-se uma das poucas violeiras a desafiar o gênero masculino. Sendo solteira, apresentava-se em companhia de sua genitora, uma mulher de idade avançada.

Naquela época era incomum os homens cantarem com as mulheres, muitos se mostravam temerosos pois não queriam passar o vexame de perderem para elas.

A “Antologia Ilustrada dos Cantadores”, escrita por Francisco Linhares e Otacílio Batista, nos informa que tem sido rara a figura feminina no cordel, colocando o nome de Terezinha como uma das boas improvisadores deste gênero.

Em nossa pesquisa, não foi localizado nenhum cordel assinado pela poetisa. Com efeito, é sabido que na sociedade patriarcal da época elas produziam cordel, mas não podiam assinar ou vender tendo-se por tradição mnemônica apenas alguns versos.

Continua na 2ª página



EXPEDIENTE :

A Arcádia - Jornal de história
Publicação Mensal - Ano III, N° 21
Redatores: Rau Ferreira/Hauane/Heloíse
Contato: historiaesperancense@gmail.com
Aceita-se produção textual e contribuições:



F. Coutinho Filho nos dá conta de um memorável desafio de Terezinha com Manoel Ferreira. O repentista cearense havia sido advertido pela mãe da violeira para se dirigir a ela como “Terezinha”, no entanto contrariando a velha saiu com a seguinte sextilha:

*- Eu chamo dona Teresa,
E sei que ela não se zanga;
E se zangar-se eu não corro;
Pois, correndo, o povo manga,
Dizendo que o galo é velho
Correu com medo da franga!*

Dias depois, foi cantar com José Soares – o poeta repórter – na Fazenda Cipó, no Cariry parahybano, desta feita deixando-o de sobreaviso:

*- Colega, José Soares,
Entre afoito na contenda;
Cante tudo que souber,
Mas, por favor, não me ofenda;
Não quero vê-lo acanhado
Por estar nesta fazenda!*

Acompanhada da seguinte resposta, para demonstrar que homens e mulheres cantavam em pé de igualdade:

*- Teresinha, não entenda
Que estou cantando assombrado;
Se vou lhe tratando bem
É porque sou delicado;
Mas eu posso dar-lhe arrocho
Que só cobra de viado!*

O “Chá Dançante” de seu Dogival Costa, comerciante e ex-vereador do município

de Esperança, foi palco para uma de suas apresentações no ano de 1942, numa peleja contra José Alves Sobrinho que rendeu 200 mil réis a dupla. O cantador confessa em suas memórias que ambos ficaram bons amigos.

A maioria das repentistas não eram alfabetizadas, contudo acreditamos que Terezinha sabia ler e escrever, já que seu Dogival registrou em carta endereçada a Zé Alves, quando do seu convite para cantar nesta cidade, que ela era “muito repentista e preparada nas letras”.

F. Coutinho em sua relação onomástica dos poetas e cantadores dos quais pesquisou, informa que Terezinha Tietre ainda era viva quando publicou o seu livro “Violas e Repentes” no ano de 1953. Em sua obra chega a afirmar que a cantadora era natural de S. João do Cariri/PB. Todavia a listagem de Coutinho traz algumas imperfeições, a exemplo de José Alves Sobrinho que ele indica ser natural de Picuí/PB, quando na verdade o repentista nasceu em Pedra Lavrada/PB.

Embora não se possa afirmar que Terezinha fosse natural destas paragens, é certo que residiu aqui por algum tempo, após a chamada “Revolução de 30”, fazendo parte da nossa sociedade, sendo este um orgulho para nós esperancenses.

Rau Ferreira

ZÉ LIMEIRA EM ESPERANÇA - Esperança também é terra da poesia e do repente. Muitos cantadores passaram por estas plagas, em suas feiras declamaram versos e venderam seus folhetos. Aqui nasceu João Benedito, precursor desta vertente que se chama cordel, Campo Alegre e tantos outros.

Por aqui gozou da amizade com Egídio Gomes de Lima, folhetista patrono da Cadeira nº22 da Alane [Academia de Letras e Artes do Nordeste] e autor do livro-referência "Os Folhetos de Cordel" (Editora Universitária: 1978).

E cantou com Josué da Cruz quando este ainda morava na rua João Mendes, denunciando um homicídio que recebeu a seguinte sextilha de Limeira:

*"Isso de morrer à toa
Já vem de tempo passado
São José morreu de velho
São João morreu degolado
Jesus morreu numa cruz
Judas morreu enforcado."*

Poesia e arte.....

Um poema de Rau Ferreira

*Os teus lábios de mel me beijaram
Senti um fulgor virginal!...
Beijaram-me e foram embora
Como no tríduo de carnaval
E era chegada a boa-hora
Pela qual eles me saciaram.*

* * *

*Os teus olhos idílios me olharam
Senti um transpassar n'alma
Olharam-me e foram embora
Para nunca mais voltar
E era chegada a boa-hora*

José Nêumanne reproduz um comentário de Zé Alves Sobrinho que disse ter conhecido o Zé Limeira que deu origem ao mito e que foi hospedado por Heleno Firmino num sítio a poucas léguas de Esperança. E todos sabem da família "Firmino" de José, Sebastião e Patrício que hoje descansam na glória eterna.

Orlando Tejo – o pseudo criador – chegou mesmo a comentar o desgosto de Limeira "por modo já botar o João Benedito" num livro. Com efeito, o Viana de Esperança já era bem conhecido, citado por Átila Coutinho em seu magistral "Dicionário Biobiográfico de repentistas".

Quem bebeu desta fonte, sorvendo os bons fluídos da pox'esia esperancense, não passou despercebido. E por essa razão, o poeta-popular já cantou a vertente: "Lima, limão e limonada/ Na terra da Esperança/ Todo cantador é de expressão".

Rau Ferreira/BlogHE

Pela qual eles me saciaram.

* * *

*As tuas mãos me palmilharam
Senti uma força que acalma
Tocaram-me circundando o corpo
Provocando-me um desejo
E hoje estou quase-morto:
As mãos, os olhos e o beijo!...*

O que vem depois?

Banabuyé, 02 de março de 2017.

Rau Ferreira

O BLOCO “ZÉ PEREIRA”: O Carnaval de Esperança começa oficialmente no Arrastão do Sábado. Mas, ainda na madrugada, nos dias de hoje há o primeiro grito que se dá com a saída do “Bloco Zé Pereira” pelas ruas da cidade, acordando as pessoas para dizer que os festejos do Rei Momo se iniciam.

A tradição no Brasil remonta ao Século XIX e recebe influência portuguesa. Por aqui data dos anos 40 quando o carnaval se popularizou.

O “Pereira” é caracterizado por todo tipo de bagunça e tem um ar de mistério que fica por conta do seu percurso durante a madrugada. A música é conhecida em todo o país:

Viva o Zé Pereira,
Que a ninguém faz mal,
Viva a pagodeira,
Nos dias de Carnaval,
(...)

Mas, a letra trazida de Portugal era assim:

E viva o Zé Pereira.
Pois a ninguém faz mal
E viva a bebedeira
Nos dias de Carnaval

Por aqui ganhou até variação, como certamente em outros lugares;

Viva o Zé Pereira,
Viva o Juvenal,
Viva o Zé Pereira,
Que é o bom do Carnaval

No Centro Artístico Operário e Beneficente de Esperança/CAOBE havia o baile pré-carnaval que acontecia no sábado. Adentrando a festa pela madrugada, ao sair daquele sodalício, ao primeiro canto do galo do domingo, as pessoas se juntavam a diversas troças e mascarados percorrendo

as principais artérias numa verdadeira algazarra, gritando em coro:

“Olha o Pereira,
Viva o Zé Pereira”.

Nos anos 80, o Pereira saía da Comunidade S. Francisco. Segundo dizem, a sua estrutura era montada em uma caixa de geladeira, com uma grande cabeça confeccionada em papelão e arame. Para o folião brincar não precisava de uma vestimenta, qualquer trapo de roupa velha bastava para cair na folia.

Muita gente tinha medo de abrir a janela para assistir a sua passagem, o que nos faz lembrar da

áurea de mistério que envolve o bloco.

Hoje há grupos que sobrevivem graças a abnegação de alguns foliões, que ainda conseguem levar para as ruas da cidade o velho bloco do “Zé Pereira”. Ainda saindo em mais de uma troça, do Britador, do Morro do Piolho e do Catolé ou unificado quando as dificuldades de apoio são mais fortes que o desejo dos brincantes.



Imagem do “Pereira” recorte do Jornal A CIDADE
Perfil do Facebook